

meiga luz da tardinha.// Seus olhos por onde o choro/tão longamente correu/são duas fogueiras d'ouro/em que de noite choveu.// Ao tempo no mundo corre/a fama duma amorosa./ E a pobre freira saudosa/saudosa de si se morre.»

Também a peça incompleta de Lopes Vieira (tão oposta à de Júlio Dantas que Almada destruiu no seu *Manifesto*) termina com Soror Mariana velhinha, a proteger, «saudosa de si», amores alheios.

E eis o que, julgo, pode ser enumerado na produção teatral de Lopes Vieira.

O saldo é positivo? É quase nulo? Porquê?

Conta José Pereira Dias, no *In Memoriam* a Afonso Lopes Vieira, que certa vez o poeta dissera a uma «atriz ilustre que fora a sua culta e mais constante colaboradora»:

«A melhor prova de amizade que tenho dado a esta senhora é que, camaradas tantos anos, nunca lhe trouxe uma peça minha para ela representar.»

Como remate deste texto, ocorre-me o seguinte:

Lopes Vieira lidou tão intimamente (na obra escrita e no espectáculo) com alguns dos maiores expoentes da nossa dramaturgia que não se sentiu capaz de ombrear com eles no tablado.

A sua renúncia de autor significou, apenas, muito amor ao Teatro Português!

(1992)

ALBERTO DE MONSARAZ

O 2º Conde de Monsaraz, Alberto, nasceu em Lisboa, no dia 28 de Fevereiro de 1889. O pai, o poeta António de Macedo Papança, tinha funda raiz alentejana, era fidalgo de boa cepa rural, que a amizade do rei D. Luís I fizera, primeiro visconde, depois conde, evocando-lhe, no título, as terras pingues que lhe foram berço. O velho conde desprezara inicialmente, nos fogosos tempos de estudande coimbrão, a soberba dos arminhos reais, agitara a bela e negra gaforina romântica ao recitar versos seus em arrebatamentos de revolta social. Fora, então, mas já na capital do reino, amigo íntimo de Cesário Verde, guiara-lhe os primeiros decididos passos parnasianos. Depois, veio a camaradagem com o pacífico monarca dado aos primores da música e das Letras, entretido a traduzir Shakespeare; vieram, logo, os versos de fino recorte palaciano, a *Arquiduquesa*, as *Recepções de Inverno*, as *Mãos Patrícias...*, a ponto de Júlio Dantas afirmar que "o autêntico Monsaraz está nas suas poesias aristocráticas". Mas, quanto a mim, não senhor: o autêntico Monsaraz está na *Musa Alentejana* e na *Lira de Outono*, com que finda a sua obra, cantando, com excelência, o seu Alentejo, na paisagem, nas gentes, nos costumes. Alberto seguira com o pai, na idade própria, a matricular-se em Coimbra, na Faculdade de Direito (onde se licenciou com o brilho de 18 valores). O conde, homem abastado e saudoso da sua juventude universitária, acompanhou-o de bom grado, franqueou um pródigo salão literário aos jovens colegas do filho, imitando, na realidade, a ficção daqueles "Paços de Celas" habitados pelo avô e neto queirozianos de *Os Maias*. Um dos frequentadores do salão, conjuntamente com, entre outros, Hipólito Raposo e Luís de Almeida Braga, foi António Sardinha que, deste modo, *Ao Rítimo da Ampulheta*, carinhosamente o recorda, recordando o nobre anfitrião:

"Conheci de perto o conde de Monsaraz durante os anos em que andou tirando a 'sua segunda formatura' - como ele próprio dizia. A 'segunda formatura' do conde de Monsaraz era a formatura de Alberto. Ao longo desse período, em Coimbra, na casa, já agora célebre, da Rua dos Militares, não houve ninguém que possuísse merecimento que ali não fosse receber o estímulo generoso do poeta. O conde de Monsaraz foi um grande perdulário! Dispersou em bondade os largos tesouros do seu espírito gentilíssimo, fazendo da sua vida a mais extraordinária obra de emoção que é possível imaginar-se. Remoçava connosco. E se, puxando os seus papéis, nos lia alguma poesia nova, lia-a sempre com receio da velhice.

"-' Mas, francamente, não me enganem!' E contava-nos então a história triste de um poeta consagrado do seu tempo que, de uma vez, o convidou a ir ouvir a leitura do poema em que trabalhava. A criatura declinava já sensivelmente, mais do que nunca, falta de talento, que jamais tivera. Contudo, a fama guindara-o bem alto, quando cantara a cigarra de Anacreonte na olaia do velho Castilho. Rapaz, o conde de Monsaraz, ainda simplesmente Macedo Papança, escutou-o com caridade e com

caridade o aplaudiu depois. E sempre que as palavras da nossa admiração o festejavam agora, o conde de Monsaraz acrescentava inalteravelmente: - ' *Não me estarão vocês fazendo o mesmo que eu fiz ao outro?*'

" Não me esquecerá a mim a manhã de Inverno em que o conde de Monsaraz nos ofereceu um almoço alentejano, com a nossa ' açorda ' tradicionalíssima fumegando o delicioso aroma dos poejos!"

A "açorda" do conde de Monsaraz ficou eternizada em verso, num dos seus pitorescos quadros de *Musa Alentejana* ("A açorda - que cheiro a coentros!- / Nas bairnhosas fumega: / Cada qual miga o seu pão" ...), merecendo figurar, com a sua risoinha e saborosa *Salada Primitiva*, a par das batatas de Ramalho e das suculências de Bulhão Pato, no precioso livro de culinária de Paul Henry Plantier.

As relações pai/filho dos Monsaraz foram bem estreitas e fecundas. Alberto, como o conde, formou o seu espírito nas verdades monárquicas; foi, mesmo, com outros companheiros de ideal, um dos fundadores do Integralismo Lusitano. E, tal como o conde, serviu as musas com paixão e mérito. (Recordo-me que Gomes Leal, ao responder, em 1915, a um inquérito literário de Boavida Portugal, juntava os dois Monsaraz no mesmo apreço.) Por isso, na morte do glorioso bardo parnasiano, seu Amigo e seu Mestre, Alberto compôs a comoção de um longo poema de que citarei algumas estrofes:

*E afinal, nestes versos, se consigo
Dizer a angústia que em minha alma vai,
Devo-lhe a ele, meu Mestre e meu Amigo,
Meu Pai! Meu Pai!*

*Na vida vou seguindo-lhe as pisadas,
Dia a dia, o melhor que posso e sei:
Por entre tantas almas desregradas,
Na lei de Deus, cumprindo a sua lei.*

*Só procuro ser bom, justo, valente,
Que ele assim me ensinou e prescreveu...
-Quero que possa como antigamente
Dar-me a bênção paterna lá no Céu!*

A sua militância de monárquico convicto levou Alberto de Monsaraz, em Janeiro de 1919, quando da infeliz e valorosa revolta de Monsanto, que durante apenas dois dias fez drapejar sob o céu de Lisboa a bandeira azul e branca, a combater de armas na mão a república vigente. Era alferes de artilharia (tal como meu Pai também ali combatente, também ali em defesa das suas profundas convicções realistas). Padeceu sangrentamente, na carne, o arrojo da aventura. Ferido com gravidade, foi-lhe extraído o rim direito e teve, o resto da vida, um estilhaço de granada alojado

no fígado. Mas esse sofrimento não impediu que a sua alma de poeta cantasse, em versos exaltados e exaltadores, insertos no seu livro *Da Saudade e do Amor*, o heroísmo viril de 1919:

*Alerta estão. Alerta, toda a gente
Batalhou, num desvairo, até ao fim.
Cruzam-se as balas no ar - ninguém as sente:
Ferve a glória nos toques de clarim!*

*Às vagas, contra nós, continuamente,
Cresce a nova-moirama, infecta e ruim.
- Rapazes, fogo! pelo Rei e em frente!
Eu já tombei, não pensem mais em mim*

*.....
A nossa fé, com sangue, não se esgota.
Quem não tem a consciência da derrota,
Nunca é vencido, é sempre vencedor!*

*Sagrada a Geração que assim se bate!
Já viu romper a aurora do Resgate:
O Sol de Ourique não se torna a pôr.*

Muitas vezes mais, e com igual frêmito e originalidade, celebrou Monsaraz, em poesia, as suas altas convicções políticas que o levaram a homiziar-se em Marrocos e Paris (onde frequentou a Sorbona e que lhe deu azo a compor, em língua francesa, *La Muse Intrépide*, editado em 1924). Ainda em 1935, alinha ao lado de Rolão Preto nas fileiras nacionais-sindicalistas, envergando a galharda camisa azul do movimento, o que lhe valeu um novo exílio.

No presente ano, cumpriram-se quer o centenário do poeta quer o septuagésimo aniversário da Monarquia do Norte, com o episódio dramático de Monsanto. Nem uma nem outra efeméride foi relembrada com o relevo que merecem, ao menos, aos monárquicos portugueses. Uma curiosidade: Alberto de Monsaraz morre em Lisboa precisamente a 23 de Janeiro de 1959, quando haviam decorrido quarenta anos sobre o primeiro dia de combate no alto da serra lisboeta!

Não foi apenas Monsaraz um poeta militante, embora seja grande, na sua obra, a presença e o louvor da trilogia Deus, Pátria e Rei, sob o signo do Pelicano integralista. Ele foi igualmente um admirável lírico, como nos revela no seu volume de estreia, *Romper d' Alva* (1909), confirmando-o até ao último que deu à estampa, *Céus* (1952), tão belamente festejado pelo seu companheiro de luta, Luís d'Almeida Braga, que lhe estudou, com cuidado e saber, a novidade das rimas e da métrica ("Não sei de outro poeta que a tal sorte se deixasse embruxar pelo jogo silábico"). Dou um exemplo desse embruxamento, dessa pesquisa em busca de efeitos sonoros e visuais:

Ai
do vale
e da mon-
tanha,
em
que a neve
tom-
bando,
se assinala
quando,
a noite
vai cair.

Almeida Braga lembra, todavia, que esta novidade estrófica já a utilizara D. Dinis, à maneira provençal, "na louçania de um requembro." (E eu lembro que recebi das mãos bem próximas da morte de António de Navarro três poesias breves com esta sortilega desarticulação de frases, tão longe do verso que servira a inspiração do poeta presencista.)

Henrique Martins de Carvalho que, em 1963, também e tão bem estudou a mensagem poética de Alberto de Monsaraz, cita, do poema *Eu*, das primícias de *Romper d'Alva*, um auto-retrato a que o poeta "toda a vida se conservou fiel":

*Inveja não a sinto. Eu nunca invejo
A morte de ninguém.
Dos mais, as alegrias, se as desejo,
E que lamento só, Deus benfazejo,
O não as ter também.
(...)
Vês a noite estrelada de clemência?
Eleva os olhos teus!
Espera sempre, e sempre com paciência,
Que sobre a terra paire a Providência,
O Espírito de Deus.*

Homem de carácter firme, espírito sensível à dor alheia, revela-se inteiro na tradição de um soneto intitulado *Suprema Angústia*, incluído no seu livro *Por Amor da Pátria*, aliás distinguido pela análise crítica de Martins de Carvalho, ao considerar que "o conceptualismo social de muita arte contemporânea não foi estranho a quem como (o poeta) sofreu também com o drama humano ou telúrico da fome e da miséria". Eis o soneto:

*O velho Douro, terra enternecida,
Que um sopro de miséria percorreu!
Dantes, rico de seiva, ébrio de vida,
Verde o solo, o ar doirado e azul o céu!*

*A desgraça levou-o de vencida...
Coitado dele, que infortúnio o seu!
Corpo morto de mágoas, já duvida
Achar de novo a alma que perdeu.*

*Jardins, pomares, campos e vinhedos,
As várzeas frescas e os outeiros ledos,
Tudo crestou o vento mau do azar.*

*E os homens, na penúria que os consome,
Gritam à terra: "Mãe, nós temos fome!"
E a terra diz: "Não tenho que vos dar!"*

Com a piedade de uma missa se evocou, no passado Fevereiro, os cem anos do nascimento de Alberto de Monsaraz. Disse-a Monsenhor Moreira das Neves. Este meu ilustre Amigo contou-me, dias depois, a seguinte anedota verídica que conhecia a respeito do poeta:

Já pesado em anos, Monsaraz tinha a garridice de pintar o cabelo e o bigode, o que lhe prolongava ou parecia prolongar a juventude. Indagado por que razão assim procedia, replicou: «Tenho o cabelo 'sal e pimenta'. Não me importaria de o ter totalmente branco. Mas não nas duas cores. Sempre detestei as meias-tintas!»

Detestou-as, sempre!

E aqui se patenteia, na graciosidade do chiste, a severa inteireza de alma de Alberto de Monsaraz. Inteireza de alma que o elege exemplo e guia da nossa juventude que corajosamente queira servir o destino sublime de Portugal. Como ele o previu, cõscio de que o poeta é profeta e o vate vaticina:

*Religião! Monarquia! - duplo signo,
À luz do qual três vezes me persigno,
Contente de ter feito o meu dever...*

*Já os sinto Amanhã, já os contemplo:
Tantos moços que seguem meu exemplo!
Bendita a morte assim, se isto é morrer!*

Que perfeita epígrafe esta para coroar as obras completas de Alberto de Monsaraz !

(1989)